

Pastore reinicia negociação com os credores

Fotos de Arquivo

Brasília — O presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, e o diretor da área externa, José Carlos Madeira Serrano, viajarão hoje à noite para Nova Iorque, para retomar, a partir de amanhã, os contatos com os bancos credores do Brasil. Consultado ontem à tarde, em São Paulo, pelo telefone, Pastore disse que está otimista quanto à próxima etapa de renegociação da dívida externa brasileira.

Na mesa já foram colocadas duas cartas. Os representantes brasileiros querem um entendimento que jogue para a frente, em termos de prazo, as amortizações que vencem até 1989, no momento de 59 bilhões 600 milhões de dólares e que correspondem a 69,6% do total da dívida brasileira. Em compensação, o Brasil dispensou o pedido de novos financiamentos dos bancos internacionais, o que, para as instituições financeiras, significa um considerável alívio sobre suas disponibilidades.

Segundo um técnico do Banco Central, que tem participado das conversações, os bancos credores endossaram a idéia de que os países em desenvolvimento, como o Brasil, não podem viver indefinidamente em recessão, devido ao aumento do desemprego e à redução do padrão de vida.

JUMBOS

Os bancos internacionais, de

acordo com a mesma fonte, são fundamentais para a evolução social e econômica dos países em desenvolvimento, embora ultimamente venham empregando apenas compulsoriamente, através dos famosos jumbos. Na opinião do funcionário, porém, o esquema dos empréstimos-jumbos teve um enorme desgaste, em consequência das elevadas dívidas do Brasil, México, Argentina e Venezuela, razão pela qual a decisão brasileira de dispensar um novo jumbo tem um apelo especial na atual etapa de negociação da dívida externa.

Para cumprir as obrigações de curto prazo, o Brasil tem em caixa 7 bilhões 500 milhões de dólares, enquanto as reservas cambiais, de acordo com o conceito utilizado pelo FMI, são de 3 bilhões de dólares. Além disso, a dispensa de recursos novos está escorada no ingresso de 3 bilhões 666 milhões de dólares originários dos organismos internacionais (BID, Banco Mundial, Corporação Financeira Internacional), agências governamentais e supliers credits (créditos de fornecedores).

Conforme explicou a fonte, os bancos têm interesse em buscar um esquema razoável de entendimento com o Brasil, principalmente porque os banqueiros estão bem informados e reconhecem o grande esforço de ajustamento econômico feito pelo País.

Leia editorial "Palpite Infeliz"